

O gasista

COVID-19 É CONSIDERADA DOENÇA OCUPACIONAL E GASISTA TEM DE FICAR ATENTO AOS DIREITOS

Desde o dia 29 de maio, a covid-19 passou a ser reconhecida como doença ocupacional após o Supremo Tribunal Federal (STF) suspender em decisão liminar dois artigos da Medida Provisória (MP) 927/2020, proposta pelo governo Jair Bolsonaro (PSL).

Para beneficiar os empresários, a MP apresentada pelo presidente não considerava doença ocupacional os casos de contaminação dos trabalhadores pelo coronavírus e limitava a atuação dos auditores fiscais, que poderiam apenas orientar os empregadores.

Não é novidade que o governo tem utilizado o período de pandemia para buscar retirar direitos e agradar os empresários. Ou, como disse o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, em reunião ministerial no dia 22 de abril, “o governo deveria aproveitar o momento em que o foco da sociedade e da mídia está voltado para o novo coronavírus para mudar regras que podem ser questionadas na Justiça.”

Em outro trecho ele aponta. “(...) precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas.”

CAT

O **Sinergia Gasista** tem lutado pelo cumprimento de todas as condições de segurança para os trabalhadores que não puderam suspender as atividades. Porém, se mesmo com o uso de equipamentos de proteção individual (EPI), em condições e quantidade adequadas, álcool gel e distanciamento, o trabalhador contrair a doença, deve exigir a emissão da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT).

“Já sabemos de alguns casos de gasistas que estão nas ruas e acabaram sendo diagnosticados com a covid. O sindicato irá verificar se as CATs foram emitidas e, se isso não ocorreu, irá cobrar que as empresas cumpram seu papel”, explica a presidente do Sinergia Gasista, Deise Capelozza.

A comunicação de acidente de trabalho, que também pode ser apresentada pelo sindicato, é fundamental para garantir direitos como estabilidade de um ano no emprego, auxílio

acidentário e aposentadoria por invalidez, se o trabalhador não puder retomar à atividade

Acompanhamento na base

O **Sinergia Gasista** tem acompanhado as normas de segurança adotadas pelas empresas por meio dos dirigentes de base e em especial na Comgás e GBD, onde há trabalhadores nas ruas na linha de frente, as medidas mais importantes foram cumpridas. Apenas casos pontuais de falhas em alguns setores foram diagnosticados, mas sanados rapidamente.

Porém, caso o gasista se sentir inseguro, deve comunicar-se com a chefia imediata ou, se preferir, com o dirigente de base, tendo o sigilo e o anonimato garantidos.

O sindicato lembra ainda que construiu com a Comgás e a GBD uma cláusula presente no Acordo Coletivo que dá direito de recusa à atividade, caso o gasista que sentir-se em risco grave ou de insegurança iminente.

VAMOS
CUIDAR DE
TODOS NÓS



GOVERNO QUE QUER ESCONDER PANDEMIA NÃO PODE CONTINUAR. FORA BOLSONARO!

Com o trabalho incansável do presidente Jair Bolsonaro em minimizar o impacto da covid-19 e em colocar os interesses dos empresários à frente das vidas, o Brasil cresceu no ranking dos países com maior número de mortes e já ocupa o segundo lugar, com 41.828 vítimas.

Incapaz de apresentar propostas e um plano capaz de combater o coronavírus, o governo Bolsonaro, por meio do Ministério da Saúde, resolveu, então, no último dia 6, tomar mais uma medida absurda e apagar da plataforma oficial o números de mortos e infectados. Quando voltou ao ar, o site só trazia notificações das últimas 24 horas. Somente após a pressão da oposi-

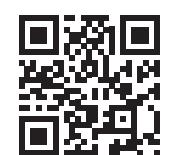
ção, do Judiciário e do Ministério Público Federal, que instaurou um procedimento para investigar a medida, a pasta retomou a divulgação do total de casos.

O Brasil é um caso único em que a crise de saúde perde para a crise política, por conta de um governo totalitário, que despreza a vida e é incapaz de pensar medidas de manutenção da renda. Ações que poderiam ser conhecidas, caso houvesse capacidade de diálogo.

No último dia 11, o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) lançou uma Nota Técnica em que aponta cinco ações para financiar

as políticas de estímulo e auxílio à economia brasileira diante da crise. [Veja nota completa no QR Code](#)

Mas para que propostas como essa sejam implementadas é preciso diálogo e governo, duas coisas que não temos hoje. Uma administração baseada em fake news, bravatas e violência é incapaz de dar respostas aos problemas do Brasil. Reafirmamos, unidos aos movimentos sociais em defesa da democracia, que o ‘Fora Bolsonaro’ é uma luta fundamental. Ou o governo acaba, ou ele acaba com o Brasil.



MESMO COMO ISOLAMENTO, GASISTAS SEGUEM NO TRABALHO PARA VOCÊ FICAR EM CASA



Mesmo com a pandemia, gasistas como Ailton e Augusto continuam na ativa



Quando a maior parte das empresas tomou consciênciade que a pandemia de covid-19 era um caso sério e não uma ‘gripezinha’, uma das medidas essenciais para o necessário isolamento social foi estabelecer o home office.

Mas gasistas como Hanseclever Rosa, 44, da Comgás de São Paulo, sabiam que sua função era primordial e que não poderiam se afastar. Na linha de frente atendendo a clientes que ligam relatando vazamento, falta de gás ou dano na rede, ele busca seguir normas de se-

gurança como manter distância de 1,5 metro, usar os EPIs e álcool gel.

Apesar da tensão, ele diz ter orgulho de se empenhar numa atividade profissional que muitas vezes é invisível, mas fundamental a todos.

“Eu me previno, não vou falar que não tenho medo, mas não me deixo levar pelo psicológico. O nosso trabalho tem de ser feito, mas ficamos tensos.”

A mesma segurança tem Ailton Rodrigues, 34, há nove anos empregado da Comgás em Campinas. O gasista que é casado, tem três filhos e atua no período noturno atendendo reclamações do cliente sobre falhas no sistema, conta que a alteração no convívio familiar é inevitável a partir da covid-19.

“Por conta dos EPIs e orientações, sei que se fizer tudo conforme orientação, o risco existe, mas o

trabalho se torna mais confiável. Mas a rotina mudou com a família, chego em casa e já tiro a roupa do trabalho, passo álcool gel nas mãos e, antes de tocar em qualquer um, tomo banho”, explica ele.

O impacto nas relações é um dos aspectos que mais afeta quem precisa estar nas ruas durante a pandemia, como explica Augusto Gaigalas, 37, gasista há seis anos na Comgás em São Paulo. Profissional do setor de emergência, o primeiro que é acionado em caso de vazamento de gás, ele reforça que, além dos cuidados profissionais redobrados, também o contato com a mãe teve de ser mudado.

“A gente tem de continuar atendendo, não para nunca e eu passava todo dia na minha mãe, mas tive de cortar isso. Ainda ligo diariamente, mas desde que começou a pandemia, nunca mais tivemos uma refeição juntos porque é idosa e mora com uma irmã mais velha”, conta quem quem tem a missão de se manter na ativa, mesmo quando todos os outros param.